

A maior manifestação popular na Capital

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

Cerca de 300 mil pessoas perfilaram-se pelos 20 quilômetros que separam a Base Aérea de Brasília e o Palácio do Planalto para acompanhar o cortejo fúnebre do presidente eleito Tancredo Neves. Para os moradores mais antigos, foi a maior manifestação popular jamais vista na Capital Federal, superando a própria inauguração da cidade, em 21 de abril de 1960.

O corpo do presidente eleito ainda não havia saído de São Paulo quando a multidão começou a ocupar os espaços por onde passaria o cortejo. Dona Francisca Rodrigues de Oliveira, viúva, 65 anos, aposentada pelo Funrural, foi uma das primeiras pessoas a chegar à Praça dos Três Poderes na esperança de ver Tancredo Neves no esquife. Não conseguiu. Desmaiou e foi socorrida por militares.

Um grupo de estudantes da Escola Agrícola de Planaltina, cidade-satélite localizada a 40 quilômetros

do Plano Piloto, ocupou a Praça com inúmeras faixas. Numa delas, a mensagem "Tancredo é trabalho, vida e amor". Logo em seguida, chegou o primeiro grupo de religiosos, todos católicos, representando a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, de Taguatinga, a 25 quilômetros de distância. Cantando hinos, choravam emocionados.

O pedido para que outras autoridades, ministros de Estado, governadores e parlamentares não comparecessem ao aeroporto foi feito inclusive através das emissoras de rádio e TV. Contudo, isso não foi respeitado, pois para a Base Aérea foram os líderes do governo no Congresso, senador Fernando Henrique Cardoso; na Câmara, deputado Pimenta da Veiga, e no Senado, Humberto Lucena, e alguns outros parlamentares. Por fim chegou também, sem ser convidado, o governador Leonel Brizola que, se desculpando por desconhecer o ceremonial, acabou obrigando Sarney a convidá-lo, como aos demais, para ficar até o desembarque do caixão. Assim, a fila de autoridades que

daria os pésames à família, no desembarque, que não deveria passar de dez pessoas, incluindo o presidente, acabou sendo ampliada para 24 pessoas, quebrando dessa forma, pela primeira vez, o ceremonial programado.

A segunda quebra do protocolo ocorreu por ocasião do desembarque



O BRASIL SEM TANCREDO

do esquife. Pelo protocolo, deveriam descer antes do esquife, dona Risoleta e demais autoridades que vinham acompanhando o caixão de São Paulo, para, em seguida, um grupo de seis cadetes entrar a bordo e tirar o caixão, coberto com a Bandeira Nacional. Mas dona Risoleta preferiu fazer o contrário, obrigando os seis cadetes (dois de cada Força) a aguardarem, em terra, com o caixão nos ombros, que a mulher de Tancredo Neves e outros parentes recebessem os pésames para, depois, conduzi-lo até o carro blindado Urutu, do Exército, que o conduziria até o Palácio do Planalto.

Do momento em que o caixão desceu do avião até ser colocado no carro blindado, a cerimônia durou 15 minutos. O cortejo que seguiu o carro Urutu, levando o corpo de Tancredo Neves, foi acompanhado por outros 21 automóveis nos quais estavam o presidente José Sarney, levando em sua companhia dona Risoleta; o arcebispo de Brasília; os governadores de Brasília, Costa Couto, de São Paulo, Franco Montoro, de Mi-

nas, Hélio Garcia, e do Rio, Leonel Brizola. Até a saída da base, o cortejo passou entre alas de soldados da Base Aérea de Brasília que se postaram ao longo do percurso, em posição de sentido.

Para hoje, as autoridades estão querendo fazer o mesmo esquema que funcionou na chegada, que não permite a entrada de pessoas, não incluídas ou reconhecidas como autoridades pelo ceremonial, dentro da Base Aérea.

Até o meio-dia de ontem, as autoridades aeronáuticas não tinham recebido, oficialmente, nenhum comunicado sobre o local exato para onde será levado hoje o corpo. Todavia, a FAB tinha prontos três esquemas para as hipóteses de o esquife ser levado para Belo Horizonte, Barbacena ou São João del Rey. No primeiro caso (Belo Horizonte), o corpo será levado dentro do mesmo avião que o trouxe de São Paulo. Da capital mineira, será transportado para São João del Rey num helicóptero Puma, da FAB, que levará nesse trajeto cerca de 40 minutos de vôo. Nes-

sa hipótese o presidente José Sarney seguirá, amanhã, no Boeing presidencial reserva até Barbacena, indo de carro até São João del Rey.

Se a família resolver levar o corpo para São João del Rey sem passar por Belo Horizonte, a FAB também montou dois esquemas. O primeiro será de levar o caixão no Boeing presidencial até Barbacena e ali ele seria trasladado para um avião turboélice Búffalo ou um helicóptero que o levaria até São João del Rey. A outra hipótese seria ir diretamente de Brasília para São João del Rey. Nesse caso, o transporte seria feito em quase duas horas, num Búffalo, avião que poderia levar os familiares de Tancredo e demais autoridades e poupar no aeroporto da cidade natal de Tancredo Neves. Essa terceira hipótese, mesmo considerada a menos provável, foi ontem examinada com cuidado pela FAB, que mandou um avião Búffalo fazer o percurso Brasília—São João del Rey para ver as condições de vôo até aquela cidade e tomar as providências que o pouso se faça em segurança.